

O EROTISMO MASCULINO: AS PROFESSORAS EM HAROLDO MARANHÃO E RUBEM FONSECA

Wellingson Valente dos Reis (IFPA/ UNAMA)

José Guilherme de Oliveira Castro (UNAMA)

RESUMO: Este trabalho visa analisar o erotismo nos contos Tatá e Alice dos escritores Haroldo Maranhão e Rubens Fonseca. A proposta dessa análise é mostrar como os escritores jogam com o erotismo masculino na hora da criação de suas histórias. Para isso, inicia-se este trabalho delimitando a noção de erótico e pornográfico. Depois, analisa-se o desejo e a fantasia erótica masculina presente em cada conto, focalizando o perigo e a irresponsabilidade presente na realização destas fantasias, por último, tem-se uma análise das professoras (Tatá e Alice) destes contos, mostrando que elas assumem o papel de professoras da relação para si, pois em vários momentos elas são as “autoridades” do quarto, assumindo um papel de comando e ensino na relação, mostrando uma representação da mulher por um olhar do homem (erotismo masculino), pois estas atitudes não combinam com atitudes do erotismo feminino. Como referencial utilizou-se Francesco Alberoni (1988), Georges Bataille (1987), Alfredo Bosi (1997), Rodolfo Franconi (1997), Nilse Chiapetti (2002), entre outros.

Palavras-chave: Erotismo. Haroldo Maranhão. Rubens Fonseca

1. Tomando a lição

Para iniciar esta aula é necessário antes que o leitor saiba as suas teorias, para isso iniciamos a mesma “definindo” o que é erótico e o que é pornográfico.

A pornografia e o erotismo transitam sempre em terreno marcado pelas contradições, um território não determinado, uma fronteira entre situações opostas. Ao se instalarem, o fazem sempre como uma transgressão das interdições que, também, são por sua vez, parte de um conjunto de contradições. Essa impossibilidade de traçar limites precisos entre o erótico e o pornográfico é sinal de sensatez e um bom ponto de partida, tendo em vista as contradições, o jogo semântico que cerca o uso social dessas palavras, a forma dialética como a história tem tratado o assunto.

A palavra pornografia origina-se do grego pornographos, que significa, literalmente, “escritos sobre prostitutas”, referindo-se à descrição dos costumes das prostitutas e de seus clientes, Além de ser “escrita acerca do comércio sexual”, seu significado nos dicionários indica a expressão ou sugestão de assuntos obscenos na arte,

capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo. Devassidão. Libertinagem. O termo tem portanto, uma nítida conotação moral negativa.

O termo erotismo surgiu no século XX a partir do adjetivo erótico, derivado de Eros, deus do amor, do desejo (sexual) em sentido amplo. O impulso erótico, segundo Freud (apud CHIAPETTI, 2002), expressaria “o desejo do homem de união com os objetos do mundo”. Amor enfermo, paixão sensual insistente, busca excessiva da sensualidade, lascívia, são algumas das definições encontradas nos dicionários.

A literatura erótica iniciou-se nos hinos aos deuses da fertilidade e a Eros, do teatro grego chegou à poesia romana, igualmente aparecendo na Bíblia e na literatura medieval. A escrita erótica, longe de ser uma ilegítima bastarda da literatura, pode reivindicar sua ilustre linhagem. (PERKINS apud FRACONI, 1997, p. 24).

Desse modo, percebe-se que a literatura erótica surge como uma forma de louvar o deus Eros – o deus do amor e da força vital, depois vai se ramificando, até os tempos atuais, onde em vez de ser “cantada” por todos, ela é cada vez mais associada ao segredo e ao seu correlato, o secreto. O erótico e o pornográfico passaram a ser percebidos como uma espécie de revelação de alguma coisa que não deve ser exposta. Ao prazer do mistério – uma verdade imprecisa - eles opõem o prazer do desvendamento.

De algum modo, os dois conceitos parecem estar sempre juntos, ou contidos um no outro. Ambos se referem à sexualidade e às interdições sociais e se expressam pela transgressão. São, cada qual a seu modo, expressões do desejo que triunfam sobre proibições. As tentativas de separá-los têm se mostrado ineficiente, posto que se projetam num campo de contradições e ambiguidades, sempre presente quando se trata de definir conceitos referentes à sexualidade e suas representações.

A fronteira entre eles, se há uma, é, certamente, imprecisa, já que não depende somente da natureza e do funcionamento das mensagens, mas também de sua recepção, de seu posicionamento entre o admissível e o inadmissível, cuja linha divisória flutua no tempo e no espaço. Ambos são “figuras do intolerável”, um território balizado socialmente, mas delimitado por cada um, suscitando em todos, sentimentos

contraditórios como hostilidade, curiosidade, desgosto, idolatria, entre outros. Essa interpenetração entre os dois conceitos foi brilhantemente sintetizada por Robbe-Grillet na frase “a pornografia é o erotismo dos outros”.

De qualquer modo, a característica essencial aos dois conceitos é a sexualidade.

Ao erotismo é deixada uma porta aberta ao sentimento amoroso, embora em situação urgente, de experiência extremada. A pornografia supõe certa capacidade de excitar os apetites sexuais do outro, algo que fale à libido. Provavelmente, por isso, suas manifestações são consideradas ultrajantes ao pudor, obscenas. “Embora implique a intensificação da relação amorosa, vale assinalar que o erotismo não tem por objeto o enfoque do ato sexual em si, mas a infinita gama de matizes sensuais que presidem a intimidade entre os sexos”. (FRACONI, 1997, p. 17).

Ou seja, o erotismo é o despertar da excitação sexual, e o estado de desejo que envolve várias etapas da sexualidade que, pode ou não, culminar no ato sexual. É, por isso, que segundo Georges Bataille (1987), devemos considerar a transgressão aos interditos culturais como impulso fundamental para a gênese do erótico e seu desenvolvimento. Esta posição conceitual alarga as fronteiras de sentido do termo erotismo, o que nos permite considerá-lo como uma das vertentes culturais do homem. Bataille nos apresenta o erotismo como espelho de um mundo polarizado, regido por dois princípios antagônicos, um agindo sobre o outro, constantemente enfrentando-se como se um dos princípios ansiasse pela supressão do outro e que só podem ser expressos pela tensão entre si. São estes princípios “inconciliáveis”, expressos por sua oposição e complementaridade, representáveis, por um lado, no mundo do trabalho, cuja base é edificada pela racionalidade e mantida por um sistema de interditos, e por outro, contrastado pela violência do mundo transgressivo, da festa e da desmedida, expressa pelo excesso da sexualidade e da morte.

Neste embate têm lugar preponderante os interditos. Eles são, segundo Bataille (1987) “a chave da nossa atitude humana”, na medida em que não são impostos de fora, arbitrariamente, mas brotam do interior do homem, revelando sua angústia essencial. Esta angústia é revelada no momento preciso em que transgredimos o interdito, ultrapassando a “consciência objetiva”, cedendo ao impulso a que ele se opunha.

Momento de suspensão dos interditos, que destrói em nós a ordem tranquila sem a qual a consciência humana é inconcebível, a transgressão não é um retorno à natureza, no sentido de volta ao estado de uma animalidade primitiva e violenta. Ao contrário, ela “suspende o interdito sem suprimi-lo” unindo os princípios opostos da lei e da violação, sem que possam existir senão em estado de constante disputa. “A luta entre o mundo da consciência e o impulso transgressivo é sentido na angústia fundamental, sem a qual o interdito não existiria, precisamente na violência que a morte e o sexo revelam.” (BATAILLE, 1987, p.35).

Nesse sentido é importante conhecer o erótico, assim como é importante ressaltar que o erotismo se apresenta sobre o signo da diferença, principalmente quando falamos em visão erótica do masculino e do feminino; enquanto para a mulher o erótico está na pele, no contato, para o homem o erótico está na visão do corpo, por isso Alberoni vai nos dizer que a visão do homem sobre a mulher é muito mais pornográfica. “Na pornografia (masculina) as mulheres são imaginadas como seres fabulosos sensuais, arrastadas por um impulso irresistível de atirar-se sobre o pênis masculino”. (ALBERONI, 1988, P.13)

Essa visão da mulher como objeto erótico apareceu no Brasil desde a colonização. Segundo Marcos Cobra (2002), com a chegada dos negros aos campos de trabalho dos fazendeiros, muitas negras eram obrigadas a serem as amas de cama dos patrões em troca da liberação do trabalho na lavoura, pois, a principal função das negras era gerar mais filhos para aumentar a mão de obra nos campos e fazer a iniciação sexual dos filhos do patrão já desde bem pequenos. Enquanto isso, as “senhoras de engenho”, que eram obrigadas a se casar por interesse de suas famílias, não se sentiam felizes no casamento e acabavam por se envolver sexualmente com os negros ou peões da fazenda.

No Brasil de 1500 a promiscuidade era grande, porém, pouco se falava, a não ser de Carlota Joaquina, a mulher de Dom João que, já naquela época, transgredia a sociedade machista estabelecida, mantendo seus casos extraconjugais com os serviçais do palácio. (COBRA, 2002, p. 16).

2. As professoras ensinam os alunos.

2.1 – Os alunos dedicados

Rubem Fonseca surge no cenário literário brasileiro oferecendo ao público o conjunto de contos intitulado “Os prisioneiros”, com o qual iniciava uma carreira promissora de escritor.

Ainda que o livro de 1963 não trouxesse vários dos temas que com o tempo passaram a identificar sua prosa, como é o caso do erotismo e da violência urbana, é inegável que ali já estão presentes os germens do que mais tarde viria a constituir uma das mais particularizadas dicções ficcionais e uma das mais notáveis realizações da narrativa curta brasileira contemporânea.

Rubem Fonseca inaugurou uma nova corrente na Literatura Brasileira Contemporânea que ficou conhecida, em 1975 através de Alfredo Bosi, como *brutalista*. Em seus contos e romances utiliza-se de uma maneira de narrar na qual destacam-se personagens que são ao mesmo tempo narradores. Várias das suas histórias são apresentadas sob a estrutura de uma narrativa policial com fortes elementos de oralidade. O fato de ter atuado como advogado, aprendido medicina legal, bem como ter sido comissário de polícia, nos anos 50 no subúrbio do Rio de Janeiro teria contribuído para o escritor compor histórias do submundo dentro dessa linguagem direta. Muito provavelmente devido a isso, vários dos personagens principais em sua obra são (ou foram) delegados, inspetores, detetives particulares, advogados criminalistas, ou, ainda, escritores.

Além do tom nitidamente policialesco, em que há geralmente um crime ou um mistério a ser desvendado, sua obra pode ser vista como uma paródia do gênero policial tradicional, visto que os crimes atuam apenas como um disfarce de suas críticas a uma sociedade opressora do indivíduo.

Rubem Fonseca é pródigo em deixar as coisas para o leitor completar. Ao escrever, o autor deve supor um interlocutor inteligente, culto, atento. Com uma inesgotável amplitude de experiências e observações, tornou-se capaz de escrever com a mesma verossimilhança sobre halterofilistas e executivos, marginais e financistas,

delegados de polícia e assassinos profissionais, garotas de programa e pobres diabos que vagam sem destino pelas ruas do Rio de Janeiro. Tem, pois, como matéria-prima os dois extremos da nação: os que vivem à margem do sistema e os que constituem o núcleo privilegiado do mesmo.

O que mais choca nos romances e contos de Rubem Fonseca é o amoralismo de seus personagens, que parecem não ter problemas em liberar seus impulsos eróticos. Podemos dizer que Fonseca trata do tema com um tom irônico, já que as atitudes eróticas de seus personagens é uma espécie de reação a uma sociedade opressora, que isola e maltrata o indivíduo, muitas vezes pelo trabalho. Seus personagens vivem uma opressão, aturdida pela sensação de isolamento e de vácuo na alma. A abundância de possibilidades eróticas oferecidas pelas cidades dá a suas personagens a obsessão sexual como única alternativa ao vazio da existência, como se na satisfação física do desejo residisse a última certeza de que ainda se está vivo. Essa sensação de isolamento está muito presente em todas as suas obras como, por exemplo, os livros “Agosto” (1990) e “E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto” (1997) e “A Grande Arte” (1990).

Já Haroldo Maranhão se inicia na carreira literária na década de quarenta, quando, ainda adolescente, assume a função de redator do jornal Folha do Norte, de propriedade de seu avô, Paulo Maranhão. Questões políticas explicam a precocidade do futuro escritor: durante quase treze anos, a família Maranhão viveu recolhida no último andar do prédio onde funcionava o jornal, para se proteger de armadilhas vingativas e da fúria dos inimigos políticos do avô e do combativo jornal.

Sem quintal nem jardim, não restava a Haroldo e a seu irmão, alternativa a não ser brincar de jornalista e gráfico entre as escrivatinhas e as máquinas de impressão e olhar o mundo da janela, através da qual avistavam o amplo espaço verde da atual Praça Waldemar Henrique.

As situações que o adolescente vivia no jornal forçavam-no a uma compreensão rápida dos fatos. Haroldo, então, lia, ouvia e escrevia as mais comuns e as mais estranhas histórias. Esse período marca definitivamente sua literatura, que recupera, numa linguagem que se aproxima do estilo jornalístico, as narrativas da cidade, tais

como buliçosas anedotas, as estórias de fantasmas e assombrações que eram ouvidas, à porta de casa, nas noites sem televisão.

É importante destacar que a obra de Haroldo se construiu ao longo dos anos, relacionando suas leituras aos acontecimentos do dia-a-dia de uma cidade. Pessoas comuns, personagens históricos e ficcionais eram, fatalmente, transformados em matéria de ficção. Assim se deu com os livros “Vôo de galinha” (1978), “Os anões” (1982), “O tetraneto Del-Rei” (1982), “Jogos infantis” (1986), “Rio de raivas” (1987), “Cabelos no coração” (1990) e “Memorial do fim” (1991).

Desse modo, podemos destacar três fatores que contribuíram para a formação do escritor: a atividade jornalística, a leitura e a escrita diária. É importante destacar estes fatores para entender como a vida serve de modelo para um livro. No caso específico de Haroldo Maranhão, trata-se de perceber que sua escrita não recalca o sujeito que está por detrás da palavra e que o autor é também feito de experiências pessoais.

Na questão do erotismo, um dos livros que se percebe claramente a liberação dos impulsos sexuais masculino é o livro *Jogos Infantis*, publicado em 1986, onde temos 15 contos, nos quais o autor narra a iniciação sexual masculina, mostrando como os garotos estão em plena fase da liberação dos impulsos, tendo como foco as várias possibilidades dessa iniciação acontecer.

São contos que encantam o leitor pela maneira como o autor cria o narrador de cada história. Como personagem principal, esse narrador presentifica um passado e mantém com o leitor uma relação de cumplicidade (...).

Ao contar, no presente, os fatos, ele vai mostrando espaços antigos, desenhando pernas, nádegas e ruas. (BASTOS, 2002, p. 55).

2.2 – As professoras experientes.

O erotismo pressupõe um conceito de arte e uma existência da própria arte erótica como objeto estético, feito para ser visto e admirado. O erotismo diz respeito ao belo, à estética sexual, a arte de transformar corpos em obras de arte.

Quando se fala de erotismo feminino, não se pode deixar de falar do romance, o apaixonar-se, a descoberta, o deslumbramento, o homem extraordinário que a tira do lugar comum; belo, forte, seguro, porém distante, fascinante e inatingível, que num golpe de mágica reconhece-a na multidão e descobre-se loucamente apaixonado, essa criatura selvagem, indomável, interessa-se por ela. É nesse estante que surge então, a figura da rival, mulher sem preconceitos, mestra na arte de seduzir, que ameaça sua conquista, depois de grandes dramas, no final do conto ambos se reconhecem apaixonados, toda desconfiança se desfaz, o homem é redimido e aceito finalmente pela mulher.

Essa seria a visão erótica segundo Bataille (1987), nos contos e romances para mulheres, ou seja, para a mulher, as emoções profundas, o erótico não é o relacionamento sexual, mas sim a languidez, o arrepio causado pela emoção, a inquietação do ciúme, a paixão que vem sem ser chamada e que aperta o coração, que faz sofrer, que faz esperar. O erotismo surge da inusitada paixão do herói pela Cinderela. É também ansiedade, é o medo de não ser amada, é necessidade de ser procurada, constante e continuamente.

Porém para Rubem Fonseca e Haroldo Maranhão, a mulher não é aquela que espera o amado aparecer, ao contrário, nos contos “Tatá” de Haroldo Maranhão; presente no livro “Jogos Infantis (1986) e “Alice” de Rubem Fonseca, presente no livro “Ela e outras mulheres” (2006), as personagens homônimas aos contos, são aquelas que vão atrás dos homens para realizar as suas vontades sexuais, que estão além de apenas um romance, se sentem realizadas na prática sexual.

Ai ela pegava no meu negócio, mas não machucava não, fazia com o maior jeito, como se ele fosse murchar ou sumir, mas não murchava nem sumia. E aí metia inteirinho na boca (...) eu sentia a linguona da Tatá subindo e descendo (...) eu via a cabeça da Tatá se movimentando, os cabelos da Tatá se mexiam no meio das minhas coxas. (Maranhão, 1986, p. 13).

Por isso, também podemos considerar o erotismo feminino como uma sucessão de portas que se abrem para o amor mais íntimo, para a eroticidade. Ao ver no corpo

libidinal os atributos da alma, a mulher sente sua capacidade sedutora e a possibilidade de experienciar a fusão do mundo e da vida, sob os desígnios de Eros (Deus Grego do Amor).

O importante do corpo libidinal é como ele recobre o corpo sexual e imprime sentidos na anatomia e gestualidade corporal. O corpo adquire uma linguagem dupla e ambígua que expressa ou não o prazer, as intensidades. A sociedade e o contato com o outro exercem controles, mas, se bem observados os mesmos gestos podem falar de repressão ou significar um contradiscurso. (GÓES & VILLAÇA, 1998, p. 175).

O que se percebe analisando os contos é que tanto Tatá, quanto Alice, quebram tabus, elas lutam contra o papel pré-estabelecido da mulher, na qual a mulher deve ser aquela que espera o homem amado, na verdade elas possuem o domínio dentro da relação estabelecida no conto, elas que comandam as práticas sexuais e eróticas, os personagens masculinos se deixam levar completamente por estas mulheres.

(Eu) Ficava mais do que quieto, uma múmia, como se dormisse, e tenho certeza, absoluta, de que a Tatá podia jurar que eu estava acordadão. Ai ela me botava na mesma posição do Nando (em cima e de frente pra ela), depois de sentar na tal cadeira e abrir aquelas coxas que parece que estou vendo (Maranhão, 1986, p.13).

Vale ressaltar neste momento que Alice, personagem de Rubem Fonseca, mostra ter o mesmo comportamento de Tatá de Haroldo Maranhão, porém por escolha de Rubem Fonseca, não temos a descrição do ato sexual entre Alice e Gabriel, o que não é uma constante na obra de Rubem Fonseca, ao contrário, percebemos que na maioria dos casos o autor escolhe, assim como Haroldo Maranhão, descrever detalhadamente a relação sexual, essa escolha em não descrever o ato neste conto, se deve pelo fato da tentativa de manter o mistério sobre a relação de Gabriel e Alice, já que até o final do conto não sabemos exatamente se houve ou não a relação sexual entre eles, apesar de tudo indicar que sim, a confirmação só ocorre no final com a fala de Gabriel para seu pai “disse que o que eles faziam na cama não era nenhum pecado” (FONSECA, 2006, p. 13).

Estas personagens, que não sentem culpa pelo que fazem, que ensinam o prazer e se dão ao direito de sentir este mesmo prazer, que apontam o caminho do novo, encarnam o papel de “professoras”, mostrando que o erotismo masculino povoa até mesmo a construção das personagens femininas dos autores.

Afinal além de serem personagens que quebram paradigmas femininos, as mesmas se encaixam perfeitamente no ideal erótico da fantasia masculina, já que elas assumem o papel da mulher mais velha que seduz e ensina o homem as coisas do sexo, inclusive suas profissões são aquelas que mais estão no imaginário sexual masculino, Alice era professora de Gabriel e Tatá era empregada da casa do menino, essas são duas profissões, que junto com a ideia da mulher ensinar o homem povoam as fantasias sexuais de quase todos os homens.

Referências

ALBERONI, Francesco. **O Erotismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

BASTOS, Renilda. As mulheres de “Jogos Infantis”. **Asas da Palavra**, Belém, v.6, n.13. p. 55 – 62, 2002.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BOSI, Afredo. **Situação do Conto Contemporâneo Brasileiro**. São Paulo: Cultrix, 1995.

CHIAPETTI, Nilse. Fantasias Sexuais em Acadêmicos. **Revista Psico UTP online**. Curitiba, V.1, p.1-13, Outubro. 2002.

COBRA, Marcos. **Sexo & Marketing**. São Paulo: Cobra, 2002.

FARES, Josebel. Textos e intertextos do olhar nos “Jogos Infantis” de Haroldo Maranhão. **Asas da Palavra**, Belém, v.6, n.13. p. 43 – 54, 2002.

FONSECA, Rubem. **Ela e outras Mulheres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FRANCONI, Rodolfo. **Erotismo e Poder na ficção Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Annablume, 1997.

GÓES, Fred; VILLAÇA, Nizia. **Em Nome do Corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARANHÃO, Haroldo. **Jogos Infantis**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.